

Um dia com Picasso

O olhar criativo de Cocteau sobre um grupo de amigos na Paris de 1916

Billy Klüver

Tel.: (21) 2585-2071 **JOSÉ OLYMPIO**
EDITORA

Idéias & LIVROS



QUANDO
NIETZSCHE CHOROU

Um encontro inesquecível
entre razão e emoção

de 60.000 exemplares vendidos

A venda nas livrarias



idelas@jb.com.br

JORNAL DO BRASIL ☆ SÁBADO, 11 DE SETEMBRO DE 2004

A sombra do modernismo português

Poemas de Mário
de Sá-Carneiro e
sua
correspondência
com Fernando
Pessoa ilustram
influência da
poesia lusitana
no movimento
literário
brasileiro

CORRESPONDÊNCIA COM FERNANDO PESSOA

Mário de Sá-Carneiro
Org. Teresa Sobral Cunha
Companhia das Letras
462 páginas, R\$ 53

POEMAS

Mário de Sá-Carneiro
Org. Teresa Cunha Sobral
Companhia das Letras
352 páginas
R\$ 31

MODERNISMO BRASILEIRO E MODERNISMO PORTUGUÊS: SUBSÍDIOS PARA O SEU ESTUDO E PARA A HISTÓRIA DE SUAS RELAÇÕES

Arnaldo Saraiva
Unicamp
680 páginas
R\$ 60



“Há em Portugal só nós dois”. Depois que a intensa troca intelectual entre Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro se firmou, essa foi a categórica afirmação de Pessoa. Sá-Carneiro manda um “agradecimento comovido e orgulhoso”. Entre os dois amigos, há um evidente sentimento recíproco de reconhecimento e participação. Contudo, o inseguro de Sá-Carneiro não evita uma sensação de inferioridade nos abismos da depressão. Com o reconhecimento entusiástico do nascimento dos heterônimos, ele constata sua inferioridade frente a Pessoa, o que mostra uma enorme consciência crítica do lugar de sua própria obra. “Toda uma civilização é, meu querido amigo, o que você hoje perturbadoramente se me afigura”, diz. “Eu a cada linha sua que leio sinto crescer o meu orgulho ... por ser, em todo caso, aquele cuja obra está mais perto da sua.”

Não esqueçamos que, na época, era Sá-Carneiro o artista. Pessoa era conhecido apenas como crítico literário. Por isso mesmo, Sá-Carneiro insistia ao amigo que publicasse seus poemas antes que fosse visto como um crítico poeta, e não um poeta crítico.

Essas declarações e várias outras, como o plano de Sá-Carneiro para o suicídio em seus ainda incompletos 26 anos, podem ser acompanhados na *Correspondência com Fernando Pessoa*, que acaba de ser lançada no Brasil, assim como o livro *Poemas*, de Mário de Sá-Carneiro, ambos organizados

por Teresa Sobral Cunha, pesquisadora extremamente envolvida com a exegese pessoana. A bela edição das cartas feita pela Companhia das Letras segue a edição portuguesa da Relógio D'Água de 2003.

A primeira edição, de 1958, estava incompleta; depois, em 1980, Arnaldo Saraiva publicou 102 documentos epistolares inéditos. Teresa Sobral, facilitando a tarefa do ávido leitor dos dois maiores nomes do modernismo português, deu-nos uma organização cronológica mais satisfatória, restabeleceu a estrutura dialógica ao introduzir as poucas cartas de Fernando Pessoa resgatadas e reunir as duas edições anteriores. A correspondência é a oficina em que é discutida detalhadamente a obra em prosa e poesia de Sá-Carneiro; e a poesia, por sua vez, está contida no livro *Poemas*.

É do mesmo Arnaldo Saraiva mais um livro da melhor safra do mercado editorial português

sobre literatura: *Modernismo brasileiro e Modernismo português: subsídios para o seu estudo e para a história de suas relações*. Estamos diante de um dos maiores especialistas em literatura comparada entre Portugal e Brasil. Seu principal estudo nesse campo, publicado agora pela Unicamp, foi editado em Portugal em 1986.

A relação entre os dois livros de Sá-Carneiro e a tese de Saraiva é evidente: a correspondência é citada várias vezes por Saraiva a respeito da cooperação que envolveu os brasileiros Luis de Montalvor e Ronald de Carvalho na revista *Orpheu*, que introduziu o modernismo na literatura portuguesa, tendo como principais editores Pessoa e Sá-Carneiro. Na verdade, esses dois livros nos contam a história da *Orpheu*, do ponto de vista de seus criadores e de um cuidadoso pesquisador. Infelizmente, perdeu-se a totalidade das cartas de Pessoa, sobrando as cinco que constam nesta edição.

O livro de Arnaldo Saraiva é um dos estudos mais lúcidos e abrangentes de literatura comparada sobre a literatura brasileira, e provavelmente o mais importante sobre a relação com a literatura portuguesa. Sua pesquisa foca a influência da literatura portuguesa sobre o modernismo brasileiro. Ele começa mostrando que é lugar-comum cantar as excelências da amizade luso-brasileira, e também o apelo para que ela se torne realidade e não só mera retórica em uma cooperação mais ativa e completa. Analisando em detalhe onde ela houve e não houve, todo o livro consegue provar que o modernismo brasileiro não interrompeu o contato com a literatura portuguesa e teve dela importantes influências, exemplificadas em Manuel Bandeira (de Antônio Feijó), Mário de Andrade (de Almada Negreiros), Oswald de Andrade (de Antônio Ferro), Drummond e outros.

Logo, o autor desfaz a idéia infundada, defendida pelos próprios modernistas, de que a literatura portuguesa não exerceu qualquer papel no modernismo brasileiro, mas lamenta o fato de não ter havido um intercâmbio mais extenso, que evitaria declarações que patenteiam ignorâncias mútuas.

Saraiva nos oferece um precioso painel das relações de influência, leitura e permuta entre as duas literaturas. A rede de amiza-

des, favorecimentos, a dinâmica das relações políticas e estéticas do meio literário, tudo é exposto com uma extensa e rigorosa pesquisa sempre baseada na concretude dos documentos e fontes. Talvez seja para valorizar essa difícil qualidade que a pesquisa se limite num conceito, o de “influência”, pelo menos desde os anos 70, teoricamente questionado. Isso se deve principalmente a um dos orientadores do período de formação do autor, Roland Barthes (ou, hoje, a outro grande pesquisador da literatura comparada no Brasil, Eduardo Coutinho, por exemplo). Mesmo assim, foi assumido pelo autor conscientemente e até a despeito da precoce relativização de Pessoa de que “tudo tinha influência sobre ele”.

Nesse sentido, o livro não ousa nenhum grande questionamento nem vôo teórico ou interpretativo, ainda que afirme haver, no estudo de influências contemporâneo, a presença da estética da recepção e estudos atuais similares. Entretanto, não percebemos uma reflexão mais demorada dessa contemporaneidade.

Mas, acima de tudo, o livro apresenta um raro panorama das relações de saber, poder, amizade, admiração e crítica do meio literário. Somos instruídos a dar atenção às emergências, permanências ou retrocessos de contatos, interesses, empatias e amizades entre os escritores, além de uma reflexão e avaliação lúcida da relação literária entre os dois países.

MODERNISMO CONTINUA NA PÁGINA 2

Modernistas
brasileiros
não
romperam
relação
com Lisboa

Embora
famoso, Sá-
Carneiro
sentia-se
inferior a
Pessoa



Reprodução

SÁ CARNEIRO
suicidou-se aos
26 anos,
deixando uma
obra genial

Compro Livros
Bibliotecas e Avulsos
2242-8967 • 2242-4826 • 2507-8846
Av. Passos, 23/25 • Rua da Constituição, 20 • Centro • RJ

COMPRAMOS LIVROS
USADOS • PEQUENAS E GRANDES BIBLIOTECAS • DISCOS DE VINIL
Melhor avaliação • Pagamento em dinheiro • Retiro no local
Cabral Livros
Av. Gomes de Azevedo, 151 - Centro - RJ
☎ 2509.5551 / 2507.0889

A Nova Civilização do Terceiro Milênio vem ao encontro do homem moderno que está interessado em resolver seus problemas, preocupado com sua evolução e a de toda humanidade. Na sua milenar ascensão, o homem vem se despertando para formas mais sutis de sensibilidade e de consciência mais perfeita. Já se percebe lá no horizonte os clarões anunciando a nova forma evolutiva do espírito. A divina Lei da Evolução sabe que o homem, ainda que resista e se atrase, vai chegar no Sistema. É hora de dizer ao homem - Levante-se filho de Deus, sob forma de consciência mais esclarecida, em estado social mais orgânico e completo.

EDITORA PIETRO UBALDI Telefax: (22) 2722-2266
www.pietroubaldi.org ubaldi@pietroubaldi.org

A ascese delirante do suicida

MODERNISMO

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

A correspondência dos editores da *Orpheu* é, antes de mais nada, o registro de como essa intensa e inestimável amizade se formou e se deu, já que a maior parte do tempo Sá-Carneiro estava em Paris e Pessoa, em Lisboa. Trata-se não só de uma amizade literária que se fez através da escrita: Sá-Carneiro compartilha com a fantasia do amigo de a correspondência ser publicada. Os dois estão sempre direcionados para os ideais leitores do futuro.

Como observa Teresa Sobral, a crença numa "terrível e religiosa missão" de agir sobre a humanidade, partindo da irresistível atração pelos signos misteriosos do não-existente de Sá-Carneiro (aquilo que a realidade matou antes de ter nascido), influenciou diretamente o panteísmo essencial de Alberto Caeiro. Assumindo-se o gênio como uma doença espiritual e trágica nos poemas ("E detenho-me às vezes na torrente/das coisas geniais em que medito") ao mesmo tempo em que aconselha a si mesmo uma modestia saudável ("Não sonhes tanta glória/que podes entontecer"), Sá-Carneiro conclui que o orgulho é uma boa qualidade ao artista, não ao homem. Daí se permitir afirmar que "é pelo orgulho desmedido que gosto deste verso: 'Vem-me saudades de ter sido Deus'", associando-o à singularíssima saudade literária portuguesa.

A premonitória valorização do amigo talvez explique, além do fato de ser mesmo do temperamento do poeta, a dependência que Sá-Carneiro tem de Pessoa para a maior parte de tudo o que escreve, das propostas mais gerais a detalhes mínimos de estilo, como se essa amizade fosse o alimento de reconhecimento necessário para sua pro-



FERNANDO PESSOA foi o amigo mais próximo de Sá-Carneiro

atividade frente à insegurança e incerteza de seu caráter.

Essa dependência literária não se distingue muito da afetiva, motivo pelo qual ele não pára de insistir em letra aumentada ao amigo: "por favor, não esqueça de me escrever", "peço-lhe de joelhos", "suplico-lhe!", "pela sua imortalidade me escreva uma grande, grande carta urgentemente!!!". Ao mesmo tempo, exige de Pessoa críticas "sem escrúpulos" e cerimônias.

O testemunho de Sá-Carneiro de todo o modernismo parisiense nascente vai ao encontro de seu gosto pelos segredos, dandismos, perversões, atos exuberantes, extravagantes, jogos psicológicos (seu desejo de ser a mulher que quer possuir, ou de existirem vários sexos) próprios do decadentismo. Esse

é o motivo pelo qual ele é visto por alguns setores da crítica como simultaneamente pré-neosimbolista e pré-surrealista, ainda que outros, representados pela precisa e sintética orelha de Paulo Henriques Britto, preferiram dividir uma primeira fase simbolista e uma segunda mais modernista.

O que podemos chamar a ascese delirante do poeta suicida está num cultivo rigoroso, luxuriante e vertiginoso de uma vida ociosa, de caprichos da modernidade, da fantasia ébria do "pesadelo bom", do gosto por paradoxos como a "nostalgia do não-vivido", do gozo inesgotável e dissipador do mundo interior e do sentimento sublime de soberania solitária da incoerência. Por outro lado, sofre-se de um sentimento de radical incompatibilidade e incapacida-

de com o trabalho, o mundo utilitário, determinista e banal, características próprias do universo decadentista.

Essa ascese vislumbra e segue, com uma sede desesperadora, os rastros da sublime "beleza nova", a ser descoberta com um olhar místico sobre o mundo real, que guardaria jóias invisíveis. Para Sá-Carneiro, o artista "é mais interessado que o judeu", já que tudo para ele se transforma em matéria de arte. Por isso ele "ganha sempre". Porém, sempre perde quando a realidade determinista o afasta da existência artística.

Um destino "alto e raro" se encontra, enfim, numa morte tão meditada e preparada quanto a obra, que foi — diferentemente de Kafka, por exemplo — cuidadosamente deixada a salvo nas mãos do amigo. Instaura-se, então, a ascese teatral do dândi: antimundana, orgulha-se de seu desencanto, descuida de si mesma e só cuida da obra, não se preserva, deixa-se experimentar o terror de dispersar-se e encena sua queda sem medo de ser derrotado.

Há uma estranha e destrutiva coragem em perder-se e esmagar-se com o peso em vida da alma morta (sobre isso muito nos esclarece a orelha de Sérgio Alcides), sua "estátua falsa". Assim conclui o teatro espiritual do impossível, a fidelidade última às "coisas que não foram" e ao grande sonho despertado e quase vivido.

Sá-Carneiro, um dos poetas mais perturbados que a literatura de língua portuguesa já pariu e "abortou", quis perturbar-nos com seu estranho mundo de dor e espiritualidade, orgulho interior e impotência mundana, súplicas infantis e exigências as mais maduras, insegurança funesta e certeza crítica do valor de si mesmo e do grande amigo.